

Onovo presidencialível

Rubem de Azevedo Lima
Especial para o JBr

Depois de eleger-se com a maior votação que alguém já teve no Brasil, o senador Mário Covas, do PMDB de São Paulo, talvez devesse — conforme ele mesmo explicou aos peemedebistas — evitar embates eleitorais perigosos, para não correr o risco de desgastar-se politicamente, em caso de derrota. Foi num desses embates arriscados, aliás, que outro campeão de votos, o general de Gaulle, jogou tudo numa parada política, na França, há vinte anos, e perdeu irremediavelmente.

Covas, no entanto, jogou os sete milhões e 800 mil votos com os quais se elegeu senador e ganhou a liderança partidária na Constituinte. Dessa forma, derrotou, diretamente, o deputado Luís Henrique, do PMDB de Santa Catarina, tido como franco favorito nessa disputa, e também se impôs, indiretamente, ao presidente peemedebista, deputado Ulysses Guimarães, que apoiava o representante catarinense.

Por uma questão de «sprints de corps», esperava-se que Luís Henrique, líder de 256 deputados peemedebistas, vencesse com facilidade o senador Covas, integrante de uma bancada de apenas 45 senadores do PMDB. De mais a mais, acreditava-se, ainda, que a maioria da representação de 303 constituintes desse partido não estivesse disposta a conceder mais um cargo de expressão política a outro paulista, pois São Paulo já monopolizava a liderança partidária no Senado (senador Fernando Henrique Cardoso) e a presidência da Constituinte, do PMDB e da Câmara, na pessoa de Ulysses Guimarães, também substituto eventual de Sarney na presidência da República.

A superação de tais obstáculos tornou-se possível, aparentemente, porque Mário Covas erigiu como suas bandeiras de luta eleitoral a independência da Constituinte, em face do Poder Executivo, e o cumprimento dos compromissos assumidos pelo PMDB na campanha ao pleito geral do ano passado em que o partido elegeu 22 governadores e a maioria absoluta dos 559 constituintes. Em tais condições, embora não tivesse recebido o apoio da maioria da ala esquerda do PMDB — favorável quase toda a Luís Henrique, na disputa partidária — o êxito de Covas significa a vitória da média do pensamento político peemedebista na Constituinte.



Graças a esse feito inesperado, Covas colocou-se, politicamente, no mesmo plano dos governadores mais importantes do PMDB — Orestes Quêrcia, de São Paulo, e Newton Cardoso, de Minas — mas com a vantagem de estar no centro das atenções do país e de não depender do governador federal, em desgaste crescente, para projetar-se em termos nacionais.

Novo arranjo

O fenômeno da afirmação da liderança de Covas na Assembleia Constituinte representa, pois, o surgimento de um novo arranjo das forças políticas no Brasil.

Impedido de candidatar-se à prefeitura da capital de São Paulo pelo voto direto e afastado da eleição de governador daquele estado, por motivos partidários subalternos, Covas credenciou-se, agora, para vãos muito mais importantes.

Em política, os fatos ocorrem, geralmente, como se obedecessem a uma lógica inexorável. A eleição de Covas na Constituinte, contra a expectativa da maioria dos observadores políticos, coloca-o, agora, entre os mais fortes candidatos do partido à presidência da República. Esse mesmo tipo de impressão, por sinal, generalizou-se em junho de 1984, em favor de Tancredo Neves, quando o nome do então governador mineiro despontou, naturalmente, na sucessão presidencial, como o mais qualificado para beneficiar-se das contradições políticas do momento.

Dadas as qualidades que revelou possuir no passado, quando liderou a Oposição na Câmara, em 1967 e 1968, aos 35 anos de idade, e tinha entre seus liderados políticos do naipe de Tancredo, Ulysses e Martins Rodrigues, Covas dispõe, portanto, de requisitos para destacar-se na Constituinte, reduzindo, ali, com sua objetividade de engenheiro e sua sensibilidade política, os espaços até então utilizados pelas discussões miudas e inconsequentes. Não menos importantes, é claro, é a base eleitoral de que dispõe em São Paulo, estado no qual talvez não possa impor-se numa con-

venção de seu partido, mas uma coisa é o PMDB paulista e outra, muito diferente, o PMDB nacional.

Obstáculo

O novo líder do PMDB se constituiu, ainda, em obstáculo ao jogo de arranjos que se estava iniciando entre os governadores recém-eleitos daquele partido e o Palácio do Planalto, com o propósito de se elaborar uma Constituição mais ajustada aos interesses de todos eles do que à altura dos problemas do País. Quanto ao presidente Sarney, cujos assessores trabalhavam para que se desse ao chefe do governo uma mandato presidencial de seis anos, a vitória de Covas não foi particularmente interessante. Vale recordar que Ulysses Guimarães admitia conceder cinco anos de mandato ao presidente, mas Covas sempre foi um dos mais convictos defensores do mandato de quatro anos. Assim, dando a entender que a vitória do senador paulista lhe é indiferente, Sarney, como se costuma dizer, apenas está evitando fazer cara feia diante da má ventura política.

Previsões

Sempre é temerário fazer previsões sobre o futuro político. O marquês de Condorcet encaminhou à Academia de Ciências de Paris, em agosto de 1784, uma interessante memória sobre as probabilidades do futuro político na França. Nesse trabalho dizia ele que a probabilidade maior era a de que houvesse, no futuro, «menos revoluções de vulto do que no passado». Já o professor Emile Faguet, no último ano do século XIX, previu que, no século XX, «os tempos seriam menos dramáticos e não haveria grandes homens públicos como nos séculos anteriores». Pois é. O marquês e o professor foram atropelados, respectivamente, por duas revoluções, a francesa de 1789 e a soviética de 1917, sendo que dessa última emergiu a figura de Lenine, inimaginável por Faguet. Previsões, portanto, sempre são perigosas, mas, se não houver acidentes de percurso, o senador Mário Covas, a estrela que sobe no PMDB, estará firme no clube dos peemedebistas que vão disputar a presidência da República, provavelmente antes da próxima sucessão estadual, contra Leonel Brizola, do PDT; Luís Inácio Lula da Silva, do PT; Aureliano Chaves, do PFL; e Paulo Maluf, do PDS. Por vários motivos, o nome de Covas, no PMDB, dentro ou fora da Constituinte, é, hoje, a melhor ação para se comprar, no mercado político futuro.